COMO SE PRODUZ UM HOMOFASCISTA? UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DO PAPEL DA PRESENÇA DA EXTREMA DIREITA NAS REDES SOCIAIS, NA FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DE UMA MASCULINIDADE HOMOSSEXUAL CISTÓXICA

Dorian Polacchini (PIBIC/CNPq), Cloris Porto Torquato (orientadora)
clorisporto@gmail.com

UEPG/ Departamento de Estudos da Linguagem.

Linguística, Linguística Aplicada

Palavras-Chave: *Homofascismo, Linguística Queer, Análise dialógica do discurso, Redes sociais, Performance*

Resumo

A construção desta pesquisa se fez plural, ao tentar abarcar os conhecimentos de diferentes classes minoritárias e dialogar com o conhecimento da academia, para construir um argumento sobre a construção do monumento homofascista no ambiente das redes sociais, e seu contexto histórico e social. Tomando como base a teoria dialógica de Bakhtin (2016), e conversando com autoras travestis como Megg Rayara G. de Oliveira (2020), abigail Campos Leal (2020), Jota Mombaça (2016), entre muitas outras.

Introdução

A construção de um movimento homofascista (Halberstam, 2011) se dá por muitas frontes, se aproveitando de atritos históricos para gerar violências que antes de serem sistêmicas, partem das ações de indivíduos. O ambiente das redes sociais, cooptado em grande parte pela extrema direita, se tornou um terreno fértil para as ações violentas que partem de homens cisgênero gays contra pessoas queer, em especial homens transgênero. Assim nasceu a necessidade dessa pesquisa, que veio tanto de um sentimento forte quanto de uma curiosidade acadêmica genuína.

Materiais e Métodos

A partir da análise qualitativa de enunciados gerados em ambientes de redes sociais diversos, em conjunto com base teórica propositalmente queer, procurando dialogar com autoras que fugissem do espectro cisgênero e da branquitude, mas também mantendo o contato com a doutrina acadêmica de autores como Bakhtin (2016), foi construído o argumento de como surge o movimento homofascista.

Resultados e Discussão

Com a base teórica formada, foram analisados os contextos gerais e enunciados gerados no ambiente das redes sociais para responder a pergunta: Como se constrói um homofascista?". Como homens cisgênero gays cometem violências diversas que utilizam do exato mesmo discurso antes voltado contra eles mesmos? A resposta, em diálogo com autoras como Halberstam (2011), Megg Rayara G. de Oliveira, entre outras, é uma mistura de transmisoginia e necessidade de aceitação por parte de uma população fragilizada que enxerga num bode expiatório (Nunes dos Santos, 2023) a possibilidade de assimilação com o opressor.

Conclusão ou Conclusões

A partir da análise dos enunciados e contextos das redes sociais, em conjunto com a base teórica sólida, se concluiu que a construção de um movimento homofascista se dá a partir de violências transmisóginas e sinalizações de virtude, tentativas desesperadas de assimilação e estabelecimento de um outro como elemento expiatório para os próprios "pecados", com o objetivo de obter uma aceitação impossível.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

LEAL, Abigail Campos, me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. In PELBART, Peter Pál; FERNANDES, Ricardo Muniz (Org.). Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020. OLIVEIRA, Megg. Nem ao centro nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero. Salvador: Editora Devires, 2020. MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 1-20, 2016. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.